

# JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088  
Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

## Epistemóloga, pragmatista e crítica

**Julio Celestino**  
juliocelestino@gmail.com

Susan Haack (23/07/1945 – 10/03/2026) foi uma das maiores mentes do nosso tempo. Reconhecida por suas inovações na lógica e na epistemologia, foi na interseção entre a filosofia da ciência e o Direito que transformou a maneira como juristas e tribunais compreendem a verdade e a prova científica. Ela criou, o *foundherentism* – teoria epistemológica da justificação empírica. Em seu livro “Evidência e Investigação: Rumo à Reconstrução na Epistemologia” (1993), Haack rejeita tanto a estrutura hierárquica estrita do fundacionalismo – em que uma classe limitada de crenças básicas é justificada não inferencialmente – quanto o isolamento experiencial do coerentismo, propondo, em vez disso, uma abordagem de “duplo aspecto” que distingue entre estados de crença subjetivos e seus conteúdos proposicionais, e os correspondentes estados experienciais causais e proposições logicamente

relacionadas à crença. Também propôs a célebre analogia: o conhecimento humano funciona como palavras cruzadas, em que as pistas fornecidas pela experiência cruzam-se e sustentam-se mutuamente nas crenças preexistentes. Sua visão pragmática ofereceu ao mundo jurídico um caminho pelo qual seguir através da complexidade das provas. Sua influência fez-se muitíssimo sentir na análise da epistemologia jurídica e da prova pericial. Seu trabalho sobre a admissibilidade da ciência nos tribunais (acima citado), em especial sobre o padrão Daubert, desmistificou a crença de que a ciência é infalível e ensinou que ela é um empreendimento humano falível e contínuo. Defendeu que os juízes não devem buscar certezas absolutas, mas avaliar o grau de garantia epistêmica de cada prova. As obras de Haack continuarão a inspirar o exercício de uma ciência jurídica muito mais crítica, honesta e comprometida com a busca genuína pela verdade factual, para além do rigor formal.

## R&S estratégico imobiliário

**Daniele de Castro Felix**  
ppsi.danielefelix@gmail.com

O mercado imobiliário do Ceará vive uma forte expansão, exigindo que o recrutamento rompa em definitivo com os processos tradicionais. Diante de um setor tão acelerado, o perfil dos profissionais acompanhou essa evolução: o candidato de alta performance não busca mais uma colocação comum. Ele reconhece o real potencial do comissionamento, mas exige das empresas um ecossistema sólido, com suporte institucional e um plano de carreira estruturado e sustentável a longo prazo. Nesse cenário de alta exigência, um RH meramente generalista falha. Para atrair talentos, o recrutador precisa ter profundo domínio técnico da vaga e do mercado local. Sem essa imersão, a gestão de pessoas não transmite a autoridade e a segurança necessárias. O candidato percebe a falta de propriedade e desiste do processo. Recrutar no segmento exige falar a língua nativa do corretor, detalhando com

precisão os desafios reais de plantões, a psicologia dos ciclos de fechamento e as nuances comerciais do setor. O RH deve atuar como um verdadeiro parceiro estratégico da diretoria comercial, unindo forças para alinhar a agressividade por metas à resiliência comportamental e inteligência emocional das equipes. Afinal, em um mercado dinâmico e focado em resultados, contratar sem conhecimento prático custa caro. Erros na seleção geram alta rotatividade (*turnover*), desmobilizam a força de vendas, geram desperdício de recursos em treinamentos e afetam diretamente a sustentabilidade financeira, o clima interno e a credibilidade da marca empregadora no mercado. O que os melhores talentos procuram é autonomia com propósito. É exatamente nesse cenário que o mercado imobiliário autônomo se destaca, consolidando-se não como um bico temporário, mas como uma carreira de alto impacto e valor financeiro. O teto do profissional é determinado exclusivamente pela sua ambição, resiliência e capacidade de execução.

# O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

## Para Sinval

**Rachel Macedo**  
Professora

Alguns encontros parecem escritos antes mesmo de acontecer. O de Rachel e Sinval foi assim: intenso, breve e inesquecível. O primeiro ato ocorreu em 2005, em um cursinho pré-vestibular de Fortaleza. Rachel achava as aulas entediantes, exceto as de Português, ministradas por Sinval, um professor irreverente que chamava os alunos de pokémons e ensinava arrancando risadas. O segundo ato veio mais de dez anos depois. Rachel formou-se em Letras, tornou-se professora de Inglês e, junto com Sinval, passou em um concurso público. O destino os colocou na mesma cidade: Jaguaribe, a 300 km de Fortaleza. Ali, deixaram de ser apenas colegas. Construíram uma amizade feita de pizzas em pousadas duvidosas, caminhadas em busca de jantar, longas viagens de ônibus e muita convivência. Tornaram-se irmãos de alma. Mas essa ligação cobraria um preço alto: a pandemia. Durante a Covid-19, enfrentaram juntos perdas, solidão e medo, entre taças de gin e sessões de karaokê. Riram para suportar a dor. Sinval, amigo recente, mostrou uma lealdade rara. Esteve presente nos piores momentos, guiando Rachel pelos caminhos silenciosos dos cemitérios. Sobreviveram, marcados por traumas. Voltaram a Jaguaribe, brigaram, afastaram-se. Quando tudo parecia terminar mal, o destino permitiu a reconciliação. Sinval mudou-se de cidade. Rachel seguiu a vida. Até que, numa terça-feira à noite, uma ligação encerrou o último ato: Sinval morreu subitamente, vítima de um infarto. A morte levou um dos maiores presentes que a vida deu a Rachel. A vida continua. Sinval não será esquecido. Grande escritor, mestre das palavras, fica aqui esta humilde homenagem ao ex-professor, colega e amigo que teve um lugar eterno em sua história.



Riram para suportar a dor. Sinval, amigo recente, mostrou uma lealdade rara

CARLUS CAMPOS



## Mata-pau

**Jansen Viana**  
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Era uma palmeira folhuda, troncada, gigantuda, frondosa, imponente, belíssima. Aos seus pés apareceu uma figueira-mata-pau. Ela se encantou. Uma paixão repentina. Abraçou a palmeira com um apetite voraz, enroscou-se nela como se fosse uma sucuri e envolveu-a até o topo. Não satisfeita, desceu às suas raízes, deixando todo o seu corpo no corpo dela. Tornaram-se uma só seiva. Nesse sufoco, a palmeira morreu. Já não conseguia ver a luz do sol, suas folhas sem brilho. Suas raízes, asfixiadas, não sorviam mais nutrientes. Seu tronco, agora oco, virou morada de quatis, gambás, aves e insetos, tudo que a natureza permite. Mas a figueira continuava ali, dizendo-se apaixonada, protetora, envolta naquela defunta,

escorada, alicerçada, apoiada, sustentada e marrenta. De repente, na vida de Maria — moça bonita, formosa, inteligente e capaz — apareceu, aos seus pés, o Zé Mata-Pau. Ele se encantou. Uma paixão repentina. Abraçou Maria. Num apetite voraz, enroscou-se nela como se fosse uma sucuri. Envolveu-a por inteiro. Não satisfeito, foi até as raízes de Maria, deixando sua vida e anulando a vida dela, tornando-se uma só carne, uma só pessoa. Nesse sufoco, Maria, aquela Maria, morreu. Sem sol, já não tinha brilho. Distante da família, não tinha mais raízes, desnutrida. Sem pertença sem identidade, sua vida ficou oca, morada de gambás exploradores, aves de rapina machistas e insetos pegonhentos, tudo o que naturaliza a opressão. Mas o Zé continua ali, dizendo-se apaixonado, protetor, envolto naquela defunta, escorado, alicerçado, apoiado e marrento.

## Quando falam as fotos

**Benevides Machado de Carvalho**  
Agrônomo

O tempo passa correndo  
E Eu, chutando o seu calcanhar  
Através das fotos, o passado, fico vendo  
E sempre, tenho vontade de chorar.

Observo Eu e meus irmãos  
Numa foto, quando crianças  
Um forte aperto em meu coração  
Com as saudosas lembranças.

Em uma outra e envelhecida foto  
Observo atentamente, a casa em que nasci  
Minha imaginação em terremoto  
Grandes saudades, fora do gíbi.

Tenho em minha simples biblioteca  
Uma foto, mostrando partes da agronomia  
Nela, um trator de rodas com um arado  
de aiveca  
Com alunos e professores,  
enchendo-me de alegrias.

A foto, acima, citada  
É alusiva aos cinquenta anos de fundação  
Da notável escola de agronomia  
Com presenças de alunos e professores.

Tenho comigo, outras fotografias  
Juntamente, com alguns colegas de turma  
Sinto-me deveras emocionado  
Por através delas, revê-los.

Sou, porém, cercado de constrangimentos  
Por não ter nenhuma foto de Coreáú  
Mostrando, o Mercado Público e a Igreja Matriz  
E também, nenhuma do saudoso Cunhassu.

E assim, minha vida continua.



O tempo passa correndo e eu, chutando o seu calcanhar através das fotos